



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA.**

**LADIJANE COUTINHO DA SILVA**

**A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA A PARTIR DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

**GUARABIRA  
NOVEMBRO/2017**

**LADIJANE COUTINHO DA SILVA**

**A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA A PARTIR DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em História.

Área de concentração: História, Ensino e Currículo.

Orientador: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

**GUARABIRA  
NOVEMBRO/2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586p Silva, Ladjane Coutinho da.  
A prática docente no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos: [manuscrito] : reflexões de uma professora a partir do estágio supervisionado. / Ladjane Coutinho da Silva. - 2017

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rivaldo Amador de Sousa, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Prática Docente, Ensino de História na EJA, Estágio Supervisionado.

21. ed. CDD 372.89

**LADIJANE COUTINHO DA SILVA**

**A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA A PARTIR DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

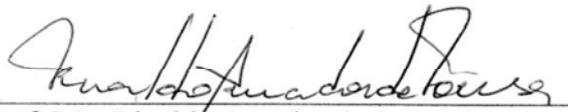
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em História.

Área de concentração: História, Ensino e Currículo.

Orientador: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

Aprovada em: 13/11/2017.

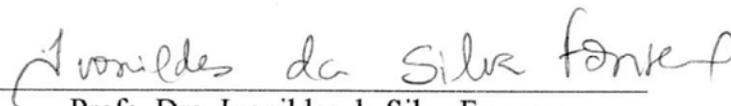
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A quem, DEDICO.

Aos meus pais;  
Francisco Coutinho (*in memoriam*), Pai querido, que  
mesmo sem uma condição estudantil favorável,  
sempre lutou pelo meu sucesso, fez tudo para que eu  
chegasse até aqui.

A Doralice Mascena, minha mãe, maior incentivadora.  
Com o seu exemplo de vida me impulsionou e nas  
minhas dificuldades, ela estava ali, forte e pronta para  
me ajudar, sempre acreditando em meu potencial.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me agraciou com o dom da vida e me conduziu até aqui. Aos meus pais, que me ensinaram desde criança a lutar sempre diante das dificuldades e acreditar em mim.

A minha mãe Doralice, que me ensinou os maiores valores e contribuiu para que eu me tornasse uma mulher forte e pronta a enfrentar a vida, de cabeça erguida e nunca fraquejar.

Ao meu pai Francisco (*in memoriam*), fisicamente ausente, mas que estava presente em minhas lembranças e em meu coração, sempre me fortalecendo

As minhas irmãs Marcia, Andréia e Tânia, pelo estímulo em continuar a lutar e alcançar meus objetivos.

A todos da família e amigos, não ousarei citar nomes para não esquecer de alguns, mas obrigada por terem acreditado em mim e através do apoio e força se fizeram presente em minha caminhada.

Aos meus filhos, Josué Francisco e Joaquim Francisco, motivo maior da minha dedicação. A eles voltei meu pensamento nos momentos em que pensei em desistir, via no olhar deles, o quanto era importante continuar, tudo o que fiz e enfrentei foi para que no futuro eles tenham um exemplo a seguir e poder se orgulhar.

Ao meu esposo Francisco Soares, por existir em minha vida, estar sempre ao meu lado. Um companheiro, homem admirável que não poupou a dedicação e o carinho durante os desafios que enfrentei e foi através da paciência e companheirismo que você me ajudou a realizar este sonho, a vitória é nossa!

A todos desta instituição (UEPB), que oportunizaram este momento, ao corpo docente, aos funcionários, professores e professoras que me acompanharam ao longo do curso, transmitiram ensinamentos que irei levar para minha prática. Vocês foram essenciais para o meu crescimento.

Aos meus colegas da turma (2012.1), em especial, Francisco e Donato que foram verdadeiros companheiros que contribuíram na minha formação pessoal e profissional.

Ao professor Me. Rivaldo Amador, que me acolheu com alegria e compartilhou seu conhecimento dando-me suporte e orientação quando precisava na construção e organização deste trabalho. A tranquilidade e segurança permitiram que eu me sentisse capaz.

Enfim a todos/as, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho. Todos vocês fazem parte desta história.

Muito obrigada!

“O bom professor é aquele  
que se coloca junto com o educando  
e procura superar com o educando  
o seu não saber e suas dificuldades,  
com uma relação de trocas  
onde ambas as partes aprendem...”  
(Paulo Freire).

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1.1</b>	<b>Como surgiu a ideia de trabalhar a prática docente no ensino de história.....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Partindo da experiência do estágio supervisionado.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>O estágio supervisionado e sua importância.....</b>	<b>13</b>
<b>3.</b>	<b>A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>13</b>
<b>4.</b>	<b>A EJA E O ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>O ensino de história na EJA: História, dificuldades e superações.....</b>	<b>18</b>
<b>4.2</b>	<b>A importância da experiência dos discentes para a construção dos saberes históricos na EJA .....</b>	<b>19</b>
<b>4.3</b>	<b>O cotidiano da sala de aula e as dificuldades enfrentadas pelos professores.....</b>	<b>21</b>
<b>5.</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>

# **A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Ladjane Coutinho da Silva\*

## **RESUMO**

O presente artigo oferece uma reflexão sobre a prática docente e o Ensino de História na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Esta discussão parte, especialmente, de nossas experiências no Estágio Supervisionado realizado na Escola E. E. F. e M. Construindo Saberes, situada no município de Mamã-Guaba-pe-PB, desenvolvidas durante três meses no ano de 2016. Partindo dessa nossa vivência na sala de aula da EJA, buscamos analisar a realização da prática docente e o processo interativo professor-aluno na construção do conhecimento. Também procuramos dar ênfase a uma discussão sobre a atuação dos professores do ensino de história, a prática docente, a relação professor-aluno e o que demanda o “ser professor”. Além da atuação do professor, o nosso trabalho também abre espaço para a discussão em torno dos seus desafios, de suas dificuldades e as suas experiências. É um pouco dessa reflexão que oferecemos aqui.

**Palavras-Chave:** Prática Docente, Ensino de História na EJA, Estágio Supervisionado.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo oferece uma reflexão sobre a prática docente e o Ensino de História na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos – EJA, partindo, especialmente, de nossas experiências no Estágio Supervisionado realizado na Escola E.E.F e M. Construindo Saberes situada no município de Mamã-Guaba-pe-PB.

Procuramos refletir o processo de ensino aprendizagem desenvolvido nas escolas, referenciando a citada, compreendendo a importância do envolvimento formativo do indivíduo e dando ênfase à interação professor e aluno. A nossa discussão também buscou fazer interlocuções entre a vivência, a prática e o meio como um todo. Refletir sobre a importância do bom relacionamento entre professor e aluno é buscar identificar o essencial que contribui para o crescimento do mesmo.

Muito já se discutiu e se tem oferecido aos professores de história da modalidade Educação de Jovens e Adultos para o melhoramento de sua prática. Essas contribuições

---

\* Aluna de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: petamme@hotmail.com

teórico metodológicas, dando ênfase na formação pedagógica, suas concepções, seus direcionamentos, permitiram uma ressignificação constante na construção desses saberes. Tais reflexões, também vieram definir a importância da constante inovação e diversidade nas aulas. Para tanto, deve ser preocupação do professor o uso de recursos necessários, de novas metodologias e de um saber renovado para um bom desempenho e desenvolvimento das aulas.

O Ensino de história e o processo educativo tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores brasileiros, a proposta é buscar resultados que contribuam em abordagens diferentes e necessárias para o crescimento, tanto no âmbito da EJA como qualquer outra modalidade dentro da Educação.

Dentro deste contexto, o educador necessita conhecer os meios e recursos para um melhor desempenho de sua prática docente, fazer com que o instrumento escolhido evidencie cada vez mais o Ensino, ampliando as possibilidades de aprendizagem e criando oportunidades no aprendizado. Uma das alternativas para promover tal ampliação no processo de ensino aprendizagem é o manuseio e exploração de materiais presente no cotidiano do educando, como o exemplo de fotografias, documentos pessoais, jornais, embalagens de produtos, fichas informativas, placas, filmes, música, passeios, entrevistas, etc. Há, portanto, uma gama de alternativas e meios que facilitam o entendimento da aula e propõe um diferencial, permitindo assim uma aula mais atrativa e dinâmica que ofereça ao aluno a oportunidade de expor suas ideias e fazer com que o mesmo se torne participante, logo, manusear os materiais e definir o valor para cada um. Isso ocorre juntamente com o professor e é feito uma interlocução colaborando com o processo pedagógico. O uso desses recursos e práticas permite, também, uma sistematização de meios favoráveis que fazem a escola como um todo a repensar a forma de se trabalhar.

A proposta é conhecer um pouco da realidade dos educadores, o desempenho nas disciplinas, em especial a de História. Neste trabalho, também queremos propor ao professor uma reflexão sobre a sua prática de docência, seus desafios, suas dificuldades e as suas experiências.

Apesar de muito se discutir sobre as dificuldades que a atual educação tem apresentado, é preciso acreditar que nem tudo está perdido. Algumas experiências de professores nos revelam como esses profissionais têm desafiado e oferecido uma inovação no ensino de história nas salas de aula de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Essa inovação de professores de história se pretende, na verdade, atender a uma nova geração que se apresenta,

sendo homens e mulheres críticos e aptos a desenvolverem seu potencial, formar para a vida e lançar propostas que se renovem a cada dia.

### **1.1. Como surgiu a ideia de trabalhar com a prática docente no Ensino de História?**

Resolvi trabalhar este tema, porque sou professora do Ensino Fundamental I no Município há mais de 10 anos. Esta profissão se deu por uma escolha e essa escolha envolvia compromisso e seriedade. Foi com o próprio aluno que aprendi a estar sempre ao seu lado, contribuindo em sua formação e não silenciar se algo de errado ocorresse nesse caminho. Foi aí que durante o Estágio me deparei com algumas situações que me fizeram tomar um posicionamento.

O estágio aconteceu durante três meses sob a regência de uma professora de História que desenvolve a disciplina em várias turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). E, foi entre dilemas e desafios enfrentados pelo professor em sala de aula que busquei compreender o funcionamento e desenvolvimento da proposta da referida professora. Observar um profissional, o seu relacionamento e interação com o aluno e com o meio, sua prática em sala de aula, não é nada fácil. Essa observação exige critérios para poder compreender de fato como se dá esse enlace dos saberes produzidos pelo indivíduo, considerar o conhecimento prévio do aluno como referencial para que daí possa tomar como um caminho de possibilidades, acesso e construção do conhecimento histórico.

Entender como era organizada e transmitida a proposta pedagógica da educadora e como ocorria o processo de produção e possibilidades do conhecimento histórico e cultural que eram apresentadas aos alunos, de forma dinâmica ou não, foi um verdadeiro desafio.

Observei que durante as aulas faltou dinâmicas que pudessem enriquecer e estimular os alunos dentro de um processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o conhecimento histórico e cultural. A proposta metodológica utilizada não favorecia um diálogo eficaz, é importante envolver os discentes propondo diálogos em sala de aula, referenciando mudanças no cenário educacional. Penso que tal posicionamento acabava por prejudicar o desempenho cognitivo de cada um. Os alunos não se encontravam em uma aula de História, uma vez que eles não desfrutavam de momentos que fazem e fez parte de sua história, o cruzamento do passado e do presente. Tratava-se, na verdade, do cumprimento do trabalho de muitos professores, feito todos os dias em várias salas de aula, em muitas escolas.

Tais experiências incidiram diretamente em minha aprendizagem realizada durante o decorrer do curso de Licenciatura em História. Foi nesse ínterim que iniciou minha inquietação. Partindo dessa inquietação, resolvi estudar mais um pouco sobre a atuação dos professores, a prática docente, a relação professor-aluno e o “ser professor”. É um pouco dessa reflexão que oferecemos aqui.

É verdade que muitos problemas na educação se tornam grandes obstáculos para a realização de um bom desempenho do professor em sala de aula. Entre esses, são visíveis a falta de material, a inadequação da estrutura física, a quantidade de alunos ou evasão, o mau comportamento dos alunos e a sua falta de atenção nas aulas e uma variedade de motivos que os professores alegam enfrentar. São tantos que muitos deles se perdem num emaranhado de justificativas que são apresentadas por eles no decorrer de suas práticas.

Penso que é daí que se inicia um distanciamento entre professor – aluno e a proposta da educação, educar para crescer, formar cidadãos críticos e reflexivos e oferecer oportunidades, não acontece.

Apesar de todo um problema que a educação brasileira atual apresenta, não posso ficar insensível a essas situações de descaso e deixar que meus sonhos, minha utopia enquanto professora sejam “invalidados”, percam seus verdadeiros sentidos. Não somos apenas professores, somos também seres políticos e devemos, enquanto professores, tomar uma posição política, pois a nossa ação é política e ela não infere apenas na sala de aula. Ela se expande e alcança a sociedade por meio dos educandos. Trata-se também de um compromisso com o aprendizado e crescimento do aluno. Se o ensino de História possibilita ao aluno um efeito transformador, então não deverá ser diferente (FREIRE, 2008).

É sabido que o professor é o interlocutor para aproximar o aluno dos personagens ou não, fazê-lo entender que as histórias se cruzam e não é algo distante, e sim, evidente que podemos interagir e vivenciar. Assim é compreensível que, “o verdadeiro potencial transformador da História, é a oportunidade que ela oferece de praticar a inclusão histórica” (PINSKY, J e PINSKY, C, B. 2012, p.28).

Como eu acredito no poder do conhecimento e, necessariamente, do ensino, resolvi desempenhar este estudo pensando que através da reflexão e do comprometimento em me doar cada vez mais ao aluno, intervindo como uma facilitadora na aprendizagem e tendo como base a inovação no Ensino de História, possa fortalecer os vínculos e melhorias no processo de ensino-aprendizagem que desempenho em minha sala de aula.

## **2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM TURMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

### **2.1. Partindo da experiência do Estágio Supervisionado**

A experiência de onde partimos para a realização desse nosso trabalho ocorreu no Estágio Supervisionado III, o qual se deu no decorrer de três meses no ano de 2016, na Escola E. E. F. e M. Construindo Saberes situada no município de Mamã-Guaba-pe-PB.

O tema que aqui demos ênfase, Ensino de História e a prática educativa, é pensado a partir da experiência que se deu durante o Estágio Supervisionado III, com as turmas de Educação de Jovens e Adultos. Nessa vivência foi possível observar a estrutura escolar, seu funcionamento, a prática da professora junto aos seus alunos, o comportamento e comprometimento dos demais funcionários dentro da sala de aula e nos corredores da escola supracitada. Mediante as vivências foi possível relacionar a prática com a teoria que aprendi na Universidade.

Dando continuidade na experiência vivenciada no Estágio Supervisionado III, demonstrando a minha inquietação, resolvi sublinhar alguns pontos necessários e indispensáveis à prática docente que se deu na observação durante as aulas da professora. Fazer a reflexão sobre essas observação em sala de aula exigiu de mim o domínio de outros saberes: entender a prática docente em si, relacionar a política trabalhada pela professora e seus anseios, visto que o seu desempenho pontua ou não o crescimento do aluno.

Durante a observação e regência nas aulas de História junto à professora regente foi possível entender que os pensamentos e as propostas da professora junto à mediação da estagiária eram distintos. Logo, era possível perceber que a professora sentia alguma dificuldade em utilizar-se de meios colaborativos e essenciais no processo de ensino aprendizagem.

Se a proposta da Educação é levar os alunos a compreenderem melhor o universo histórico e cultural que o envolve, procurando uma maneira simples de envolvê-los e fazê-los com que possam compreender a dinâmica e integração dos conteúdos da disciplina de História com o cotidiano, como pensar tudo isso sem considerar os questionamentos e vivências dos alunos como fator preponderante no processo de ensino e aprendizagem?

Apesar de todo esforço da professora, parece que a compreensão não estava sendo alcançada pelos educandos. Na verdade, o objetivo da aula não parecia ser alcançado como deveria.

É importante observar que é obrigação do professor levar o educando a descobrir e ao mesmo tempo fazê-lo se descobrir. No entanto, isso só acontece se o professor se dispuser a colocar o educando como foco do processo ensino aprendizagem. É preciso fazer o aluno acreditar em sua capacidade, descobrindo as suas potencialidades, fazendo interagir com todos. É por meio de uma metodologia dialética proposta pelo professor (a) que aos poucos os educandos interagem, assim o entendimento de cada um acontece. Se o foco não está no aluno não se pode obter uma complexidade no que se refere à aprendizagem.

## **2.2. O Estágio Supervisionado e sua importância.**

O Estágio Supervisionado é um importante momento que tem o objetivo de ensaiar o graduando na atividade prática, permitindo-lhe uma experiência acompanhada na sala de aula e a construção de um saber empírico de maneira que este lhe sirva como ponto de partida para a sua profissionalização. Ao concluir a graduação o profissional deverá estar apto a seguir um futuro promissor, desenvolvendo de maneira sistemática e produtiva aquilo que aprendeu no decorrer dos anos na universidade, entrelaçado com as vivências no período de ‘Estágio’.

É preciso que o professor compreenda que sua formação não se detém somente àquilo que aprendeu na universidade e sim, a partir do momento que tem o encontro com a sala de aula, ele é conduzido a um conjunto de saberes práticos que irão auxiliar o mesmo nesse percurso do ensinar e do aprender, a troca de conhecimentos, os vínculos de aprendizagens, as descobertas, e as experiências que os indivíduos trazem consigo, ou seja, o que ocorre no caminho, na prática. Dando ênfase neste contexto, Pimenta afirma que:

O estágio supervisionado é um momento de total importância no processo de formação, e constitui-se em um treinamento que possibilita o discente vivenciar o aprendido na Universidade a partir da prática, aproximando-o da escola, dos alunos é de seu futuro ambiente de trabalho. (PIMENTA, 1995, p. 22).

É sabido que o Estágio Supervisionado é de grande importância na vida educacional e profissional do indivíduo. Contudo, também é bom lembrar que o sucesso de um bom profissional está na dedicação e no envolvimento do aprendiz no decorrer de sua vida laboral.

Para que se tenha êxito é necessário que o Estágio Supervisionado responda aos requisitos necessários para um bom desempenho organizacional em parceria com o planejamento, acolhida e objetivos, que leve o aluno a entender melhor o contexto que o envolve. Quando a proposta é lançada nas escolas, seja na observação ou na regência, seria importante que as instituições – Universidade e Escola - promovessem um diálogo que contribuísse num melhor desempenho dos graduandos. Assim pode-se perceber ao final que o Estágio terá sucesso tanto para o docente como para o discente, e, desta forma, se tornando fruto de uma parceria.

A prática de Ensino, durante o Estágio, permite aos discentes um olhar desafiador que altera a perspectiva, permitindo que o mesmo cresça e construa saberes que possam edificar e oportunizar seu conhecimento.

### **3. A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Falar da prática docente é algo desafiador, pois tenho a impressão que estarei falando um pouco de mim também, pois atuo na educação básica, especialmente no Ensino Fundamental I, e sei o quanto é difícil a tarefa do “educar”. O que se propõe é uma educação voltada ao desenvolvimento humano, uma pedagogia construída com respeito, ética dignidade, e com autonomia não só envolvendo o professor, mas também os alunos e por que não dizer, todo o corpo docente. Trata-se de uma atividade que exige um desprender-se de estigmas, estereótipos, dogmas, preconceitos oferecidos pela sociedade para voltar-se à construção de um saber envolvente que venha apresentar o melhor do professor e do educando.

Durante o caminho, seja no Ensino da EJA ou em outro segmento educacional, a proposta curricular vai dividir o espaço com outros argumentos importantes para a rotina diária de uma educadora. A relação professor e aluno deve acontecer por meio de uma convivência amorosa entre ambos, trocando experiências – que, por sua vez, são únicas – nas quais o professor deve permitir ao educando condições favoráveis ao seu desenvolvimento, permitindo-lhe igualmente a potencialização do seu saber. O professor também deve construir juntamente com o educando sua autonomia, fazendo-o romper barreiras que muitas vezes paralisam o indivíduo impedindo que o mesmo tenha um avanço.

A postura do professor é essencial em sala de aula, o mesmo carrega uma carga muito pesada de responsabilidades para com o aprendizado do aluno. Essa postura constrói um

ambiente favorável e apto que fará quebrar os medos e inseguranças. Mas também é importante destacar que o contrário parece ser nítido em muitas salas de aula, a falta de compromisso e dedicação de alguns professores poderá ser uma das causas do fracasso e do mau desempenho do aluno.

Esse assunto já foi, e ainda é, tema de muitos debates e pesquisas acadêmicas. De acordo com Paulo Freire, “uma das tarefas mais importantes da prática educativo-critica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (FREIRE, 2008, p.41)

É importante destacar que para um bom desempenho em sala de aula é preciso que o professor esteja preparado não só com sua formação docente, domínio de conteúdo e domínio teórico-metodológico, mas também, é necessária a construção de uma boa relação professor-aluno. A postura do professor favorece o aprendizado e faz com que o aluno se sinta envolvido, capaz de produzir e dar ideias que contribuam no processo histórico educacional do mesmo, visto que a teoria e prática caminham juntas.

A prática e a teoria são fundamentais e necessárias para uma abordagem significativa e fundamentada em qualquer modalidade de Ensino, o que não se difere da EJA. Percebe-se que cada professor tem seu modo próprio de executar a aula, seguem um planejamento, constroem um discurso que lhe é próprio. Contudo, os saberes históricos devem ser construídos com os educandos a partir de suas experiências, considerando também os seus saberes.

Estou convicta, que não poderia encerrar a minha graduação em História, sem ter colaborado na educação do meu município. Essa experiência na educação me permite pensar na “importância de uma reflexão como esta quando penso a formação docente e a prática educativa-critica” (FREIRE, 2008, p.21). Entender um pouco sobre a prática vivenciada nas escolas do município, a exemplo da minha, e daí perceber a contribuição que eu, como graduanda concluinte, poderei desempenhar na educação pública, é fundamental.

As práticas educativas possibilitam a fundamentação de cada função e só confirmam os saberes, e desta forma é importante alinhar e discutir as práticas não somente desta professora, mas sim de outras. É certo que os conteúdos e explanações sejam claras e profundas, que envolvam o aluno em sua totalidade e não somente apresentados a uma realidade. Com base nessa perspectiva, Paulo Freire menciona que,

É preciso, sobretudo, e ai já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora,

assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2008, p. 22).

Durante a minha experiência ficou nítido que a realidade é diferente, não há uma dedicação por parte de alguns professores voltada aos alunos, não se tem uma produção do saber aproximada, daquela idealizada pelo currículo. Uma das razões por que isso acontece se encontra em uma prática mal elaborada e mal realizada em sala de aula. O que se observa é que a autenticidade da prática de ensinar/aprender não corresponde à construção de um saber sistemático e gradual, mas um “fazer por fazer”. Há um distanciamento entre a proposta pedagógica e o que se trabalhou na sala de aula.

A docência é um desafio e levar o aluno a ter uma perspectiva de mundo diferenciada faz parte do processo histórico e social, como também se aventurar no intervir no mundo e conhecer uma dinâmica envolvente que faz a sala de aula se tornar um ambiente propício e cheios de descobertas. Somente fazer uma construção dos saberes já evidenciado com os novos, para que assim se possa entender que cada um faz parte deste ciclo de conhecimentos.

Durante os estudos acadêmicos e o Estágio Supervisionado foram muitas as indagações. Apesar de a academia oferecer um profundo estudo sobre a prática docente, no entanto, somente a prática é que vem desdobrar a formação docente. Mas a teoria não pode distanciar-se da prática. Elas somente se realizam em um exercício de correspondência entre uma e outra. Muito, além disso, a prática docente se realiza de forma complexa uma vez que não se trata de algo de caráter dialético. Portanto, esta está em um processo contínuo de realização-reflexão-realização de maneira que estará sempre a refazer-se. O educando e a sala de aula são sempre importantes para se pensar a prática. Quando o professor não produz um vínculo com sua prática faz pensar que a atuação não se deu de maneira condizente. É necessário compreender “...que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo” (FREIRE, 2008, p. 64).

Reconhecer indivíduos críticos capazes de adquirir em sua inquietude o conhecimento necessário para exploração em sala de aula ou no meio em que vive não é fácil. O ideal era que houvesse uma relação participativa entre ambos e promovida pelo professor mas, a priori, não é o que se apresenta na maioria das escolas e em especial na que realizamos o nosso estágio.

Esta análise crítica revela que uma série de virtudes e qualidades as quais foram ensinadas são deixadas de lado, o respeito, a atenção, os ensinamentos, entre outros, não

levados em consideração. É certo que as qualidades são elevadas através do esforço e dedicação de cada aluno, imposta na diminuição das diferenças do que dizemos e o que fazemos. Se o processo de interlocução gerado pelo professor x aluno não se sobrepõe tão pouco oportuniza a aprendizagem. Assim,

Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever, o de quem não se prepara ou se organiza para sua prática o de quem não luta por seus direitos e não protesta contra as injustiças (FREIRE, 2008, p. 65).

Há algum tempo o envolvimento e a relação do educador está sendo discutido para que assim o professor de história possa ter uma amplitude em sua formação e práticas, encontros e congressos, para lançar mudanças visíveis com o objetivo principal de superar as dificuldades no ensino tradicional de História que muitos professores optam. Apesar de ocorrer um esforço expressivo em modernizações dos currículos, atualização e qualificação dos professores de História, se observa que o insucesso ainda predomina, o descaso submete a educação brasileira. Alguns desses traços são perceptíveis na microanálise, como a nossa experiência em uma sala de aula em Mamã-Guaba-pe - PB. Daí entende-se a importância de um olhar detalhado no que se refere à atuação da classe docente.

Assim, pretende-se fomentar um diálogo capaz de oportunizar, se não a prática, ao menos o ensinamento de como fazê-la. É importante que os professores se mobilizem de alguma forma, como a realização de debates, rodas de conversas e planejamentos, por exemplo, de maneira que venham contribuir com melhoramentos e ações, ampliando e renovando constantemente o ensino de história.

Alguns questionamentos devem fazer parte da prática do professor, como a compreensão sobre quais as relações que demonstram o encontro entre a teoria educacional e o ensino de história. O que pode ser feito para auxiliar os alunos, com base numa visão ampla e democrática? Entender como poderemos expor a proposta pedagógica em sala de aula de forma que o aluno compreenda e vivencie os métodos e metodologias condizentes com o seu desenvolvimento. Só assim dará uma qualidade maior ao ensino e compreende uma totalidade.

#### **4. A EJA E O ENSINO DE HISTÓRIA**

#### 4.1. O Ensino de História na EJA: História, dificuldades e superações

Nas últimas décadas uma nova conjuntura política e econômica tem se consolidado e permitido um conjunto de mudanças e transformações sociais e culturais. Essas alterações criaram condições para que demandas públicas fossem atendidas no que concerne especialmente à educação. Algumas dessas transformações refletiram diretamente na proposição de novas políticas educacionais que inferiu na formulação de uma “nova escola”, uma “escola para todos”. A reformulação do currículo da educação básica, a distribuição e seleção de livros didáticos, a formação de professores foram algumas das mudanças que primava à valorização por uma educação de qualidade.

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no seu artigo 37, garantir a Educação de Jovens e Adultos, gratuita e “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, tem-se observado que esse acesso não tem se realizado. Essa modalidade tem vivido muito pouco as alterações ocorridas na educação, ou mesmo tem caminhado a passos lentos (BRASIL, 2014, p.27).

Contudo, no decorrer desse processo de transição, as transformações que passaram a educação possibilitaram ao Ensino da EJA ganhos e percas. Segundo a pesquisadora Vera Mazagão Ribeiro,

Na década de 1990, vimos surgir uma preocupação maior com a educação de Jovens e Adultos. Apesar da inexistência de uma política governamental para a área, várias instituições públicas e privadas, organizações não governamentais (ONGs), sindicatos, igrejas associações, etc, puseram-se a campo implementando projetos de alfabetização. (RIBEIRO. 2008, p.201).

Com essas iniciativas a EJA apresenta uma amplitude nas experiências educativas, visto que o grande desafio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real. Mostrar através das ações a possibilidade do desenvolvimento de uma prática adequada nos novos tempos expressiva, contundente, rica em detalhes e demonstrações que proponha uma proposta metodológica que permita melhor clareza dos conteúdos.

Considerando o que garante a LDB, ao afirmar que,

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 2014.27).

Pensamos que essa modalidade apresenta uma complexidade enorme que exige uma maior atenção da escola e dos docentes. Ao interpretarmos essa afirmação, enquanto direito

garantido por uma legislação, podemos pensar, especificamente na área de história, que metodologias e conteúdos podem atender a demanda desse alunado.

Considerando essa preocupação, necessariamente, na área do ensino de história, pensemos como a escola e o professor deve compreender essas especificidades, suas características, seus interesses, suas “condições de vida”. Enfim, como direcionar o conteúdo e a metodologia ao perfil desse aluno? Deve-se considerar, inicialmente, que o aluno da EJA já carrega consigo uma experiência de perdas e isso já é bastante para considerarmos o grau de interesse pelos estudos. O que esse aluno espera e/ou deseja da escola e, especialmente, das aulas de história? Pensamos que a metodologia utilizada pelo professor de história permite que esse aluno se sinta convidado a ingressar nesse mundo diverso, lançando sua própria utopia e isso se dá na troca de experiências entre professor e aluno.

Nesse sentido, o professor também necessita de utopia, pois que “historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo nem cronista pode ser” (PINSKY, J e PINSKY, C, B. 2012, p. 19). Desta forma, o ensino de história deve ser entendido pelos professores que o desempenham para que tomem para si a responsabilidade e o compromisso de estarem sempre auxiliando os alunos na compreensão da proposta metodológica. Na verdade, o que se busca nas novas metodologias é entender o mundo que envolve o aluno, é vivenciar com ele cada situação, é se voltar a uma qualidade de ensino diferenciada focando a formação e integração do indivíduo.

O desenvolvimento educacional de cada indivíduo depende de um conjunto de ações que irão contribuir de forma sistemática e nítida no aprendizado do aluno em seu ambiente e fora dele. Considerar o conhecimento prévio de cada um como referencial e ponto de partida para trabalhar o território educacional e cultural é de fundamental importância.

Pretende-se definir a atuação docente dentro deste segmento EJA, o qual delimita um grupo de pessoas que necessitam de uma explanação diferenciada do Ensino Regular, por serem adultos e na maioria das vezes, com baixo nível de instrução escolar, que tiveram uma passagem rápida pela escola e estão inseridos em alguma atividade ou ocupação, ou seja, trabalham durante o dia e à noite vem à escola com um objetivo em especial.

#### **4.2. A importância da experiência dos discentes para a construção dos saberes históricos na EJA**

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos pode transparecer para muitos como uma modalidade menos complexa que outras. No entanto, a sua complexidade é muito maior

do que se imagina. Ela exige uma metodologia específica, como já afirmamos acima, para que a realização plena do processo de ensino e aprendizagem aconteça.

Na EJA encontramos sujeitos com valores e preceitos formados e um mundo de experiências que se constitui em saberes formados e formadores. Levar o ensino de história para jovens e adultos, tendo o aluno como o sujeito principal, é estabelecer sempre relações recíprocas entre suas experiências e o que ele aprende na sala de aula. Assim pretende-se atuar dentro do segmento da EJA, diminuindo as arestas e proporcionando envolvimento no âmbito cultural e social de cada indivíduo.

É natural que cada educador tenha seu modo particular de desenvolver a aula. Não existe uma metodologia pronta e acabada como uma bula de remédio. O método utilizado pelo professor deve garantir uma melhor relação entre o conhecimento e a experiência e que esses sejam considerados e valorizados para a construção de novos saberes. As propostas metodológicas são incorporadas e transformadas em experiências individuais de forma que possa favorecer a integração professor e aluno. É certo que, aquilo que é proposto no ambiente escolar é uma junção de diferentes saberes capazes de unir, tanto o conhecimento prévio quanto aquilo que é oferecido ao aluno (FREIRE, 2008, p. 110).

De acordo com Paulo Freire, não se pode permanecer estagnado em uma sala de aula. O professor passa a ser um pouco de tudo, não é opcional, é preciso. Logo se entende que “a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história” (FREIRE, 2008, p. 54). O fato de se perceber no mundo como sujeito em transformação me coloca numa posição de destaque, tanto para o aluno quanto para o professor, ambos são peças fundamentais de um quebra cabeça diário que vai se moldando de acordo com o que cada um vivencia e aprende nos espaços diversos, e essa construção se constitui no processo formador de ambos. É preciso que se entenda que, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2008, p. 23).

É certo afirmar que, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2008, p.47). Ou seja, acontece uma troca de saberes, onde o professor não impõe o saber escolar, mas antes cria condições para a construção do conhecimento, partindo, necessariamente, dos saberes que o educando já domina. Deve, a todo o momento, ocorrer o respeito e a cumplicidade, onde uma relação vertical é superada por uma relação horizontal. Nessa relação o processo de aprendizagem deve acontecer de forma prazerosa. Deve ser prazerosa porque o educando deve se sentir parte do processo e compreender essa construção como uma realização de descoberta e construção do conhecimento e de si próprio.

As descobertas dos saberes são feitas diariamente. A experiência se renova a cada gesto, a cada aula o “acabado” dá lugar ao “inacabado”. Será desafiador falar que,

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudanças, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo (FREIRE, 2008, p.50).

O saber histórico forma para a vida e está aberto aos contornos do meio que envolve o educando. Considerar a história de vida de cada um, respeitar as diferenças, é também preparar o aluno para os desafios que ele enfrentará na vida. Essas condições no processo de ensino e aprendizagem propicia ao aluno certa confiança onde o seu erro é parte do processo, onde poderá se opor democraticamente diante das situações, poder discutir igualmente o que aprendeu, mostrar seu potencial. Mais importante ainda é que essa relação permite ao aluno aprender a aprender. Quando pequenos lembramos algumas vivências entre amigos no espaço escolar, não é diferente na vida adulta. A escola marca profundamente nossas vidas. Sejam as conquistas ou as derrotas, tudo está ligado e vivo em nossa memória. Somos convidados a cada dia a evidenciar essas histórias e a fazê-las com perfeição.

#### **4.3. O cotidiano da sala de aula e as dificuldades enfrentadas pelos professores**

É importante destacar que os professores enfrentam muitas dificuldades para desenvolverem de forma plausível seu trabalho na sala de aula. O ensino sofre por gerações com estrutura física, formação profissional, falta de material didático, recursos pedagógicos de comunicações e audiovisuais que auxiliam na criatividade e dinamismo da aula entre outros. Não podemos deixar de destacar os baixos salários que faz o professor buscar meios de aumentar sua renda, sobrecarregando sua carga de trabalho. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt (2004, p.55) “a imagem do professor de história é geralmente marcada pela ambiguidade”. É na sala de aula que professor e aluno travam um embate, se impõe a condição de possibilitar a capacidade do indivíduo como se aquele momento fosse único trazendo realidades e experiências do mundo que o envolve, e esse domínio que é imposto em sala de aula o fazem forte, mas ao mesmo tempo se não colocado de maneira específica, o limita.

Na maioria das vezes o professor até tem vontade de fazer o melhor, mas é impedido por um sistema covarde e injusto, costumes e normas que o engessam não permitindo que o mesmo desenvolva seus projetos e anseios. Estratégias avançadas que só colaboram para um

bom desempenho da aula enfrentam muitos obstáculos e deixam de ser experienciadas. É verdade que, “o professor de história pode ensinar ao aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias: O saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico” (SCHMIDT, 2004, p. 57.). No momento que acontece a aula o professor é capaz de valorizar a diversidade dos pontos de vista, captar e levantar problemas, reintegrando num conjunto vasto que procura transformar a aula de história em um campo de descobertas. Os dilemas enfrentados a cada dia pelo professor são diversos, barreiras são derrubadas dentro do próprio saber. Para a historiadora Maria Auxiliadora Schmidt, “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática ensino e pesquisa” (2004, p.57).

## 5. CONCLUSÃO

O presente artigo destaca a importância de refletir a prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Penso que, mesmo com as dificuldades encontradas na educação que se voltam ao ensino da EJA, é preciso acreditar, sempre oferecer o melhor, pois os desafios são diários, mas é possível sim promover uma inovação no ensino de história e na educação como um todo, dando ênfase à prática docente no desempenho da aprendizagem do aluno. Como afirma Paulo Freire: “A educação tem que ser transformadora”. Para que essa educação aconteça, se faz necessário que as experiências sejam vivenciadas em sala de aula e que o professor busque inovar com a utilização de diversos métodos, compreendendo a individualidade de cada aluno e o seu potencial. O professor também deve construir juntamente com o educando sua autonomia, fazendo-o romper barreiras que muitas vezes paralisam o indivíduo, impedindo que os mesmos tenham um avanço significativo.

Ficou claro que essa reflexão trouxe a prática não somente como ação pedagógica, mas uma direção integradora entre professor/aluno/ e conhecimento, numa dinâmica histórico/cultural, num exercício interpretativo de saber. É preciso mudar e essa mudança só vem quando abrimo-nos para aceitar as descobertas constantes do mundo. Todavia, se faz necessário afirmar que a postura do professor é essencial em sala de aula.

Diante de nossa reflexão aqui sugerida, penso a responsabilidade que assumi enquanto professora: atingir os meus objetivos, ter determinação e responsabilidades, fazer pela educação dentro e fora da sala de aula, acreditando que o aluno/a é o sujeito transformador na descoberta de novos conhecimentos.

**THE TEACHER PRACTICE IN THE TEACHING OF HISTORY IN EDUCATION  
OF YOUTH AND ADULTS: REFLECTIONS OF A TEACHER FROM THE  
SUPERVISED STAGE**

Ladjane Coutinho da Silva<sup>†</sup>

**ABSTRACT**

The present article offers a reflection on the teaching practice and the Teaching of History in the classroom of the Education of Young and Adults - EJA. This discussion is based, in particular, on our experiences in the Supervised Internship held at E.E.F. and Constructing Knowledge, located in the municipality of Mama-guaba-pe-PB, developed during three months in 2016. Starting from our experience in the classroom of the EJA, we aim to analyze the realization of the teaching practice and the interactive teacher- student process in the construction of knowledge. We also seek to emphasize the discussion about the role of teachers in teaching history, the teaching practice, the teacher-student relationship and what the teacher demands. In addition to the teacher's work, our work also opens space for discussion around their challenges, their difficulties and their experiences. It is a little reflection we offer here

**Keywords:** *Teaching Practice. Teaching History in the EJA. Supervised internship.*

---

<sup>†</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: petamme@hotmail.com

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas e Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília-DF: Outubro, 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 10ª ed. Brasília: Mesa da Câmara dos Deputado. 54ª Legislatura – 2011-2015, 4ª Sessão Legislativa. Presidente Henrique Eduardo Alves. Edições Câmara, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 37 ed. Paz e Terra: São Paulo. 2008.

KARNAL Leandro. **Introdução**. In: História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas. 6 ed. Contexto: São Paulo. 2012, p.07-14.

PINSKY, Jayme; PINSKY, Carla Bassanezi. **Por uma história prazerosa e consequente**. In: KARNAL, Leandro. História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. 6 ed. Contexto: São Paulo. 2012, p. 17-36.

PIMENTA, S. G.O. O Estágio na Formação de Professores: Unidades Teoria e Prática. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

RIBEIRO, Vera Masagão. Educação de Jovens e Adultos: Novos Leitores, Novas Leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008,

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A Formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula**. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O Saber Histórico na Sala de Aula. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004.P. 54-65.